

Um diabo na Amazônia: dois contos de Leão Pacífico Esaguy

A Devil in the Amazon Rainforests: Two Tales of Leão Pacífico Esaguy

Filipe Amaral Rocha de Menezes*

Resumo: Os dois contos que compõem *Contos amazonenses*, 1981, refletem muito da paixão de Esaguy pela selva amazônica e sua cultura, bem como o entrelaçamento desta com a cultura judaica, presente, a partir de vestígios, em seus textos. Nesse livro, bem como em outros como *O Aleijadinho*, 1982, e *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, 1999, o pano de fundo das histórias é sempre a beleza exuberante e o grandiosidade da mata Amazônica. A variedade dos animais e seus comportamentos são elementos que povoam o universo ficcional do autor, além das tramas em que suas personagens, caboclos, ribeirinhos e caçadores, enfrentam onças "atrevidas e sanhudas", como o narrador as define.

Palavras-chave: Amazônia. Judaísmo. Diabo.

Abstract: The two tales that make up *Contos amazonenses*, 1981, reflect much of the passion of Esaguy for the Amazonia jungle and its culture as well as the intertwining of Jewish culture with the present, from the traces in his texts. In this book, as well as in other *Aleijadinho*, 1982, and *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, 1999, the background of the stories is always the lush beauty and grandeur of the Amazonia rainforests. The variety of animals and their behaviors are elements that populate the fictional universe of the author, beyond the frames in which his characters, shifting cultivators, hunters and riparian face jaguars "atrevidas e sanhudas", as the narrator defines them.

Keywords: Amazon. Judaism. Devil

Todos cantam sua terra. Se eu soubesse e pudesse, também cantaria a minha.

Leão Pacífico Esaguy, em Contos Amazonenses.

Entoar cânticos à terra natal deixada para trás é comum àqueles que migram. O poeta Gonçalves Dias dedica versos à terra amada, num cântico de saudade e lamento pela ausência. Na epígrafe retirada de *Contos amazonenses*,¹ de Leão Esaguy, o narrador, parodiando o escritor romântico, lamenta não a terra deixada para trás, mas a vontade de conhecê-la e, assim, poder cantá-la. Na repetição, em diferença, o narrador deixa vislumbrar ao leitor a expressão da busca por uma identidade, por uma terra que seja sua.

Leão Pacífico Esaguy nasceu em Itacoatiara, uma pequena cidade no interior no Amazonas, em 1918, filho de imigrantes judeus oriundos da África. Sua obra, tem, como pano de fundo, o fluxo migratório de judeus provenientes do norte da África para todo o Amazonas que, desde o século 19 e início do 20, marca sua presença. Em Itacoatiara, muitos judeus se dedicaram à venda e à troca de castanhas, peles e pedras preciosas.² Esaguy, que realizou seus primeiros estudos em Portugal, presenciou o declínio da presença judaica na região e, segundo Henrique Veltman, em *Hebraicos da Amazônia*, o último judeu deixou Itacoatiara em 1980.³ Esse homem, apelidado de Chunito, em entrevista, lembra-se dos tempos em que havia *minian*⁴ na casa de sua prima Ester Esaguy e, também, dos grandes homens da família Peres, importantes comerciantes e políticos da época áurea em que a presença dos judeus era marcante na cidade.

Os dois contos que compõem *Contos amazonenses* – "Satã, o felino maldito" e "Os fantasmas da comadre Maroquinha" – refletem muito da paixão de Esaguy pela selva amazônica e sua cultura.

Nesse livro, bem como em *O Aleijadinho*⁵ e *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*,⁶ o cenário é sempre a beleza e a grandiosidade da mata Amazônica. A variedade dos animais e seus comportamentos povoam o universo ficcional do escritor, além das tramas em que suas personagens, caboclos, ribeirinhos e caçadores, enfrentam onças "atrevidas e sanhudas", como o narrador as define.

O conto "Satã, o felino maldito" tem como personagem uma onça, descrita com um tamanho sobrenatural, que virara um monstro ainda mais selvagem e feroz após ter sido atingida por uma bala que ficara alojada em sua cabeça. O narrador é um caçador destemido, porém, homem da cidade, culto, um herói que se dispõe a enfrentar a fera, mais por prazer à caça do que em favor do povo do vilarejo amedrontado. Esse conto é um relato de aventuras e a caçada é entremeada por reflexões sobre a mata, os animais da selva e o homem.

Na introdução ao livro, Esaguy afirma que qualquer semelhança com pessoas e nomes reais é pura coincidência, mas é possível perceber que dados biográficos se entretecem na ficção. O caçador e a memorável caçada de Satã seriam, assim, narrativas ficcionalizadas de experiências vividas pelo próprio escritor. Em alguns momentos, o narrador relembra a "herança" deixada pelo pai, o espírito de aventura e a independência moral e psicológica. Nas primeiras páginas, lembra-se de quando do se deparou, pela primeira vez, com a mata, após ter sido criado até os quinze anos em Lisboa. Segundo ele, "o gigantismo da natureza evocou em meu espírito e mente a alucinação dos tempos heróicos dos desbravadores do Brasil."⁷ Um personagem, no conto, também se refere ao narrador como "compadre Leão,"⁸ atestando, assim, o entretecer da ficção com a realidade.

A exuberância da mata e a beleza da onça são constantemente lembradas pelo narrador. Ele afirma que ao contar sua história, irá também descrever minuciosamente "os quadros gigantescos e admiráveis que a natureza"⁹ teria lhe apresentado. O homem culto da cidade grande que reafirma sua herança ancestral também é o que se embrenha pela mata como um caboclo, apaixonado por caçadas e pelo cenário selvagem amazônico. Ele se considera um bom caçador, cujos segredos da arte de caçar se devia aos caçadores das redondezas, no entanto, confessa que não havia conseguido aprender como se orientar na mata. Daniel, o companheiro de caçadas do narrador, destaca-se do típico amazonense: "alto, magro, branco de olhos azuis e de uma força muscular extraordinária", de beleza notável, não se parece em nada com os caboclos de pele cor-de-jambo.

Durante a caçada, a dupla releva muito da arte da caçada em terras amazônicas e o narrador se mostra como um quase nativo, um caboclo da terra. O compadre Leão era, assim, uma espécie de consultor no assunto de caçadas. Chico D'Avina, dito o melhor da região, reconhecia nele um excelente atirador, de boa arma e de boa munição, ponderando apenas que não era bom mateiro, ou seja, aquele que se orienta pela selva. Além desse conhecimento sobre a selva e seus costumes, outros comportamentos caboclos são descritos: comer carne-seca com farinha, dormir em redes, tomar talagadas de cachaça, reconhecer os rastros e trilhas dos animais pela mata, banhar-se nos igarapés. O compadre Leão, nesse mundo tão particular, é um homem aculturado à selva e seus costumes, mesmo sem deixar de ser o bancário de férias, de família judia e educação européia.

O fenômeno da aculturação dos judeus e suas comunidades é descrito e analisado na literatura por Regina Igel em *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros*.¹⁰ A definição de Igel para aculturação explica como se dá o que podemos chamar de aquisição de características e tipos de uma cultura para outra: A aculturação dá-se como resultado de um processo de "aquisição e troca" de elementos culturais recíprocos, preservando-se as personalidades próprias, embora modificadas, de cada uma das partes envolvidas. (IGEL, 1997, p. 130)

Essas aquisições e trocas de elementos culturais se dão em resposta ao contato de uma cultura minoritária com uma majoritária, e essa absorção acontece involuntariamente para que a minoritária

possa sobreviver, isto é, a aculturação seria uma tentativa de mascarar as diferenças para evitar, por exemplo, a xenofobia. Igel exemplifica a aculturação a partir da referência a alguns grupos judaicos nos Estados Unidos, segundo a ensaísta, eles "entregam-se ao processo de alisar diferenças culturais e praticar sua religião através de emulações de alguns gestos e certos rituais de religiões não judaicas predominantes – como a prática de música de órgão numa sinagoga",¹¹ comum às celebrações protestantes, maioria naquele país. Desse modo, as comunidades continuam judaicas e podem, de maneira mais simples e menos traumática, manter os seus traços distintivos.

Assim como o compadre Leão come carne-de-sol com farinha e dorme em redes penduradas nas copas das árvores, em alguns momentos do texto, há evidente registro de que, mesmo estando bem adaptado à cultura cabocla amazonense, ele continua embebido de vestígios da sua tradição judaica. Mesmo aculturado, não pode deixar de sofrer, a identificação judaica. No clímax do conto, Daniel, o companheiro de caçada, grita encorajando o outro a enfrentar a onça Satã: "Vá em frente seu judeu desgraçado!"¹² Segundo Igel, a locução "judeu desgraçado" estabelece uma dúvida identidade do protagonista,¹³ isto é, antes ele era apenas desenhado como um homem culto da cidade habituado à cultura da selva, agora o texto demonstra que era de conhecimento de Daniel, e das demais personagens, a ascendência judaica do compadre. Vale ressaltar que, no Brasil, nem sempre o uso de palavras de baixo calão ou impropérios é visto como expressões negativas.

No momento, portanto de medo, diante da onça, afirma-se, pela marca de "judeus desgraçado", ainda mais a sua identidade, e o personagem recita e se consola com o "Shemah Israel", "Ouve, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é o único. Bendito seja o nome da glória de seu Reino para toda a eternidade."¹⁴ Recitado em português, o narrador confirma a assimilação de traços de uma cultura brasileira amazônica, sem deixar a sua origem, mas adaptando-a a uma nova vivência.

A narrativa, ainda, traz uma forte referência à tradição judaica e bíblica nos enfrentamentos entre os "homens de bem" e os "homens ou criaturas do mal", os "demônios ou monstros". No conto, chamar a onça de monstro ou Satã demonstraria o alto grau de perversidade da onça.¹⁵ Entretanto, a figura do mal, representado pela fera, lança uma curiosa compensação para que a figura do "judeu desgraçado", seja aceita pela comunidade que, grata pela salvação da ameaça da onça, o aceita como indivíduo pertencente ao grupo, sendo, por isso, constantemente aclamado, mesmo não tendo, ele próprio, achado que a sua vitória sobre o animal tenha sido justa.¹⁶

A luta do bem contra o mal continua no segundo conto de Esaguy. Em "Os fantasmas da comadre Maroquinha" há, também, uma relação dualista e, nesse caso, quem representaria o mal é uma mulher. O narrador, o mesmo caçador do conto anterior, vai a uma fazenda para descanso e novas caçadas, mas, logo ao chegar, encontra a esposa do capataz e um velho empregado. A história traz uma longa digressão sobre a mulher. O narrador não dá qualquer pista sobre a ascendência judaica do caçador nessa história, mas as reflexões sobre a mulher é, de forma implícita, embasada na Bíblia, principalmente, de tradição cristã. Novamente, as duas culturas parecem se mesclar.

As mulheres são citadas como portadoras da semente do pecado e, para o narrador, essas filhas de Eva, viveriam arrebatadas por luxúria, sendo insaciáveis e sedutoras. Essa visão determinista e, quase naturalista, comum nos romances do novecentos brasileiro, pode ser entrevistada em:

andavam de um para outro lado, vestidos decotados, botões esquecidos de suas funções, os olhos empapuçados da noite não dormida, a ver em todo homem um macho e em todo macho um vislumbre das suas satisfações sexuais, impertinentes, nunca satisfeitas. (ESAGUY, 1981, p. 49)

Em seguida, o narrador muda a direção de seu discurso e discorre sobre a importância da mulher como base da família. Essa mulher, dentro de uma visão bíblica, é decalcada de Provérbios 14:1: "A mulher sábia edifica a sua casa, a insensata derruba-a com as suas próprias mãos",¹⁷ no texto vê-se: "À mulher [...] é atribuída a grande responsabilidade, privilégio e competência de manter, fortemente unificada, a família."¹⁸

A introdução da narrativa, portanto, está constituída por essa visão dicotômica sobre a mulher, para assim apresentar algumas características da personagem que nomeia o conto. À D. Maroquinha pertenciam todas essas características. Era tanto a mulher prendada, que cozinhava, costurava, cuidava da roça, quanto a mulher nova, de "carnes tenrinhas, cor-de-jambu", serelepe, à qual diziam que "era boa em tudo."¹⁹ Casada com um homem bem mais velho, o narrador coloca em xeque, maldosamente, se seu parceiro lhe era satisfatório.

Como não podia sair para caçar sozinho, o narrador se vê preso à fazenda, não tendo mais o que fazer senão passar o dia conversando com essa mulher, meio anjo, meio demônio. Engenhosa, segundo o ponto de vista do narrador, ela cria um plano, utilizando-se das credices populares, para que o visitante durma com ela no mesmo quarto. Para a mulher, a fazenda era assombrada e, durante a noite, ela ouvia o galope de cavalos ou a desnatadeira a trabalhar, só conseguindo dormir quando acompanhada do marido, que estava ausente.²⁰ Com esse subterfúgio, a mulher convence o narrador para que durmam juntos, e, evidente, acontece o que já era de se supor.

O caçador (o narrador) acaba por se ver como uma presa da mulher ardilosa, mesmo ele gostando do jogo que ela propõe. Nesse conto, o mal representado pela mulher acaba, então, por vencer o bem. A adúltera mulher, tendo o seu marido descoberto, mas não menos adúltero que ela, pois do outro lado da margem do rio tem uma segunda família, recebe o consentimento para continuar o seu pecado, deixando o caçador ainda mais refém e presa da sua volúpia.²¹ Confuso com toda essa moral e hábitos duvidosos das gentes caboclas, o homem da cidade, o caçador, foge tal qual uma de suas presas, concluindo que: "o homem é o pecador, mas a mulher é o mesmo pecado", procurando se eximir de qualquer culpa, acusando a mulher de todo o mal. Nessa luta contra o pecado, o demônio se sobrepõe ao pecador, mas este, também, não é exatamente uma vítima, apenas um homem que procura se defender, acusando a mulher, assim como Adão o fez.²²

Os contos que compõe *Contos amazonenses* são, assim, complementares em suas histórias e na apresentação dos personagens. O narrador, o caçador da cidade que vai pelas fazendas e pela selva à procura de diversão, é, de fato, exemplo de como a assimilação de uma cultura constrói um indivíduo capaz de lidar com ambas as culturas, mesmo este sendo tão inseguro de sua herança e de sua cultura. A última frase do primeiro conto: "Todos cantam sua terra. Se eu soubesse e pudesse, também cantaria a minha", remete o leitor a passagem bíblica do Salmo 137:

Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros que lá havia, pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião. Como, porém, haveríamos de entoar o canto do SENHOR em terra estranha? (Salmo 137:1-4)²³

Compadre Leão, narrador-personagem e protagonista da história, afirma sua paixão pela selva, pelo quadro amazônico, onde é conhecedor dos perigos, pois teria nascido e criado em Itacoatiara, no interior da Amazônia, como afirma no início do segundo conto.²⁴ Mas, como outros judeus em terras amazônicas, ele parece perceber que cantar sua terra, hoje, talvez seja um gesto de compreensão de seu lugar entre duas culturas e tradições.

* **Filipe Amaral Rocha de Menezes** é Mestre em Letras: Estudos Literários pela UFMG e Pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

Notas

- ¹ ESAGUY, Leão Pacífico. *Contos amazonenses*. São Paulo: do autor, 1981.
- ² VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos da Amazônia*. Disponível em: <http://www.hbv.lumic.com/>. Acesso em 16/07/09, p. 58.
- ³ VELTMAN, 2009, p. 57.
- ⁴ *Minian*, em hebraico, designa o quórum de dez ou mais homens adultos, isto é, aqueles que já passaram pela cerimônia de Bar Mitzvá, e que são necessários para a execução de diversas rezas e cerimônias no Judaísmo.
- ⁵ ESAGUY, Leão Pacífico. *O Aleijadinho*. São Paulo: do autor, 1982.
- ⁶ ESAGUY, Leão Pacífico. *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*. São Paulo: do autor, 1999.
- ⁷ ESAGUY, 1981, p. 14.
- ⁸ ESAGUY, 1981, p. 24.
- ⁹ ESAGUY, 1981, p. 14.
- ¹⁰ IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus/ Escritores Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva: 1997.
- ¹¹ IGEL, 1997, p. 133.
- ¹² ESAGUY, 1981, p. 38.
- ¹³ IGEL, 1997, p. 161.
- ¹⁴ ESAGUY, 1981, p.38.
- ¹⁵ ESAGUY, 1981, p. 20.
- ¹⁶ ESAGUY, 1981, p. 41.
- ¹⁷ BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia Shedd*. Editor responsável Russell P. Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida. – 2ª edição revista e atualizada no Brasil – São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, p. 930-931.
- ¹⁸ ESAGUY, 1981, p. 50.
- ¹⁹ ESAGUY, 1981, p.51.
- ²⁰ ESAGUY, 1981, p. 53.
- ²¹ ESAGUY, 1981, p. 70.
- ²² BÍBLIA SAGRADA, 1997, p. 4-5.
- ²³ BÍBLIA SAGRADA, 1997, p. 901.
- ²⁴ ESAGUY, 1981, p. 48.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia Shedd*. Editor responsável Russell P. Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida. – 2ª edição revista e atualizada no Brasil – São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- ESAGUY, Leão Pacífico. *Contos amazonenses*. São Paulo: do autor, 1981.
- ESAGUY, Leão Pacífico. *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*. São Paulo: do autor, 1999.
- ESAGUY, Leão Pacífico. *O Aleijadinho*. São Paulo: do autor, 1982.
- IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos da Amazônia*. Disponível em: URL: <http://www.veltman.qn.com>. Acesso em: 10 ago. 2009.